



**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**REGIVALDO ALVES DE MENEZES**

**(entrevista)**

**Juazeiro, BA**

**2020**

**GEEPRACOR-CEFIS-UNIVASF**

**ESEFID – UFRGS**

## FICHA TÉCNICA



**Legenda:** Regivaldo Alves de Menezes e Joelzio dos Santos Oliveira

**Projeto:** LOURIVAL QUIRINO: uma trajetória nadando nas águas do rio São Francisco

**Número da entrevista:** E - 969

**Nome do entrevistado:** Regivaldo Alves de Menezes

**Local da entrevista:** Juazeiro - Bahia

**Entrevistador:** Joelzio dos Santos Oliveira

**Data da entrevista:** 16/12/2020

**Transcrição:** Joelzio dos Santos Oliveira

**Copidesque:** Joelzio dos Santos Oliveira

**Pesquisa de termos:** Joelzio dos Santos Oliveira

**Revisão Final:** Christiane Garcia Macedo

**Total de gravação:** 55 minutos e 71 segundos

**Páginas Digitadas:** 24

### Observações:

\* Esse documento tem como base as orientações do “*Manual prático para esclarecimento de procedimentos básicos a serem realizados nas entrevistas*” versão de 2016, desenvolvido pelo Centro de Memórias do Esporte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O GEEPRACOR realizou algumas alterações de formato.

O Projeto Garimpendo Memórias está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins de pesquisa acadêmica, extensão e ensino, esta entrevista de cunho documental e histórico. É permitida a citação, no todo ou em parte, desde que a fonte seja mencionada.

Como citar: MENEZES, Regivaldo Alves. Entrevista concedida por Regivaldo Alves de Menezes ao Projeto Garimpendo Memórias. Entrevistador: Joelzio dos Santos Oliveira. UNIVASF, UFRGS, Juazeiro (BA), 16 dez. 2020, 27p.

## SUMÁRIO

Juazeiro; Bahia; Educação Física; Esportes; Futsal; Handebol; Geração; Rio São Francisco; Natação; Técnico; SESI; Trabalho; Lourival Quirino; Amizade; Família; Jailson; Travessia a Nado Mar Grande – Salvador; Equipes Raça e Garra; Competições; Country Club; Nadadores; Dificuldades; Apoio; Belém; Vacina; Treinamentos; Petrolina; Sobradinho; Patrocínio; Piscina; Disciplinado; Liberdade; Viagens; Salvador; Edvaldo Valério; Estratégia; Fantástico; Equipe Multidisciplinar; Estados Unidos; Torcida; Legado; Formação.

Juazeiro (BA), 16 de dezembro de 2020. Entrevista com Regivaldo Alves de Menezes (R.M.) a cargo do pesquisador Joelzio dos Santos Oliveira (J.O.) para o Projeto Garimpando Memórias da Universidade Federal do Vale do São Francisco e Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

J.O. – Qual é o seu nome completo?

R.M. – Regivaldo Alves de Menezes.

J.O. – Local e data de nascimento?

R.M. – Nasci no dia 28 de agosto de 1968 na cidade de Juazeiro Bahia, mais precisamente na maternidade São José.

J.O. – Qual é a sua escolaridade e sua profissão atualmente?

R.M. – Eu sou professor de Educação Física com nível superior completo, especialista em fisiologia do exercício e também gestão de empreendimentos esportivos e culturais.

J.O. – Quando foi que iniciou sua relação com os esportes?

R.M. – A minha relação com esporte... Na verdade aconteceu desde criança, meu pai era jogador de futebol profissional e eu o acompanhava nos jogos, na entrada do campo aos domingos, às vezes também acompanhava meu pai nos treinamentos desde garoto e precisamente quando ingressei no ginásio que era a antiga quinta série, hoje ensino fundamenta II, me debrucei com os esportes, precisamente com o futsal e handebol, a gente tinha uma capacidade motora muito favorável, eu sempre tive uma característica de... Na minha idade era muito mais forte em relação aos meus colegas da faixa etária e um atleta exclusivo, meus professores na época ficavam me chamando para fazer uma atividade e outra, com isso a gente começou basicamente nesse período na quinta série e no ano seguinte já na sexta série conheci a natação, ali no rio<sup>1</sup> começava... Eu

---

<sup>1</sup> Rio São Francisco.

acompanhava também as travessias<sup>2</sup> no cais e aquilo me fascinava, eu via as pessoas atravessando o rio, uma geração antes da nossa que era finado Dú<sup>3</sup>, Paico<sup>4</sup> e Soul<sup>5</sup> que eram os meninos mais velho do que a gente, o próprio cabo Chico<sup>6</sup> era uma geração que fazia a travessia e aquilo me fascinou. Eu bem novo ia com meu pai e dizia: “Rapaz, eu quero fazer isso”. Como já brincava no rio isso foi acontecendo naturalmente. A natação surgiu na minha vida com 13 a 14 anos e perdurou até os dias de hoje. Então, a gente tem uma relação muito grande com o esporte e precisamente com o aquático, no caso a natação.

J.O. – E como técnico de natação?

R.M. – Na verdade, como técnico de natação minha história começou com atleta de alto rendimento. Uma professora do SESI<sup>7</sup> Jeane<sup>8</sup>, precisou se ausentar e me pediu que ficasse dois ou três dias tomando conta das equipes de natação do SESI. Então, ela foi falar com o diretor, prontamente aceitou e aí comecei a desenvolver o trabalho... Me apaixonei pela forma como as coisas aconteceram, mesmo sendo um trabalho feito empiricamente a gente se debruçou, com isso descobri que seria algo que queria fazer enquanto atleta e passei a ensinar as pessoas a nadarem, então, aquilo foi o pontapé inicial. Passei um tempo trabalhando como instrutor de natação, tive uma experiência de passar no Círculo Militar do Médio São Francisco, no SESI Petrolina, SESI Juazeiro e algumas escolas da região, no ano de 1994 abriu o Curso de Educação Física na Universidade de Pernambuco a UPE, tive a oportunidade de concorrer e graças a Deus consegui êxito, fui aprovado no vestibular da universidade, que era um sonho distante, mas a universidade abriu o curso em Petrolina e a gente conseguiu entrar na segunda turma. Na primeira turma cheguei atrasado não consegui entrar, mas acho que tinha que acontecer aquilo mesmo talvez se eu fosse aprovado eu não continuasse, então fiz o curso de Educação Física e daí comecei a me destacar, não só como professor de

---

<sup>2</sup> Competições realizadas no rio São Francisco.

<sup>3</sup> Aloísio Viana.

<sup>4</sup> Paulo Henrique.

<sup>5</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>6</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>7</sup> Serviço Social da Indústria.

<sup>8</sup> Nome sujeito a confirmação.

escolinha na fase de iniciação de aprendizado, mas também na descoberta de novos talentos, de aperfeiçoamento e treinamento esportivo, comecei a participar de intercâmbios e sempre tendo oportunidade nas grandes instituições como no SESI, Colégio Objetivo, Colégio Geo e com uma relação ligada à Petrolina, mas também com os atletas de Juazeiro. Comecei a desenvolver um trabalho em águas abertas, mas efetivamente quando a gente entrou na faculdade, mas antes de entrar na faculdade a gente desenvolvia um trabalho, mas não era um trabalho científico com referencial era um trabalho mais empírico, que inclusive surtia resultado, mas a gente viu a necessidade de ir pra Universidade, de começar a se aperfeiçoar, participar de congressos internacionais e congressos estabelecidos no país todo. Então, tudo isso abriu um leque de oportunidades pra gente, inclusive trazendo pessoas servindo de referência como amigos da natação, de outros esportes e da família. Quer dizer, tudo isso a natação nos proporcionou.

J.O. – Conte-nos como você conheceu Lourival Quirino<sup>9</sup>? Cidade, local, data ou se foi alguma competição.

R.M. – Na verdade eu conheci Lourival Quirino... Nós nos conhecemos no rio, nas peraltices em 1983, 1984. Começamos as nossas vidas aquáticas acompanhando os mais velhos e observando... Por incrível que pareça começamos a nadar e participar de uma travessia recreativa da Marinha<sup>10</sup> e Lourival ganhou, eu fiquei em segundo lugar e Givanildo<sup>11</sup> foi o terceiro, acho que temos registro dessa foto, se não me engano foi 1984 e aí tudo começou, a nossa amizade se consolidando como muito verdadeira, *uma amizade sincera*. Costumo dizer que irmão você não escolhe, mas um amigo verdadeiro você pode escolher. Então, minha amizade com Lourival é desde daquela época, são mais de 30 anos de convivência, eu não lembro de ter qualquer tipo de divergência com Lourival, a nenhum nível, apesar da gente competi um contra o outro, mas a gente sempre se respeitou, *sempre respeitamos os espaços um do outro*. Eu acho que Juazeiro ganhou muito com isso, nós ganhamos muito também, o esporte abriu um leque de oportunidades em nossas vidas não só na questão do esporte propriamente dito, mas na

---

<sup>9</sup> Lourival Alves Quirino, ex-atleta de natação.

<sup>10</sup> Marinha do Brasil.

<sup>11</sup> Nome sujeito a confirmação.

vida profissional, na vida afetiva e nossas famílias são muito ligadas. Nós passamos... Acho que tinha época que a gente passava mais tempo justos do que com nossos familiares.

J.O. – Vocês faziam parte de alguma equipe de natação?

R.M. – Pronto, o que aconteceu nesse período? Nós conhecemos o professor Jailson<sup>12</sup>, uma pessoa que era nadador, mas nunca conseguiu grande destaque como atleta. Jailson era uma pessoa que tinha um grande conhecimento, lia muito, não era formado em Educação Física, mas era uma pessoa que tinha muito conhecimento técnico e uma técnica super apurada, com isso começou a nos orientar e treinar. Ele serviu como referência para a gente no aspecto de treinamento, nos aspectos de orientações e começamos a se destacar nas travessias que tinham aqui. Lourival quando normalmente ganhava... Eu não lembro de ter ganhado de Lourival nenhuma vez, costumo dizer que Lourival é a pessoa certa pro esporte certo, nasceu para ser nadador. A sua biomecânica, o biótipo e a envergadura, tudo favorecia. Lourival, mesmo sendo de família humilde, de ter nascido no bairro desprovido de políticas públicas, sempre teve um potencial enorme. Eu acho até oportuno essa questão de estudar Lourival... Lourival era pra ser motivo de estudo até em relação a genética, o biótipo e a biomecânica. Ele não tinha uma técnica muito apurada, mas tinha um limiar anaeróbico que me impressionava. Lourival começava nadando 1,8 e 1,100 metros numa prova de 10 quilômetros e praticamente se mantinha aquela regularidade, diferente de outros atletas que com 50% e 60% das provas começam a declinar. Lourival mantinha uma regularidade incrível, assim, com déficit alimentar, com déficit de proteína... Tinha a dificuldade. Quando a gente fala déficit é pela situação sócio-econômico, mas Lourival tinha uma capacidade incrível. E Jailson contribuiu muito. Começaram a surgir convites para estudar em escolas particulares, ir pra os Fuzileiros Navais em Recife, ele até foi para a Escola de Aprendizes de Marinheiros, conseguiu uma bolsa para estudar no Colégio Dom Bosco<sup>13</sup>, mas Lourival nunca quis sair do Colégio Estadual<sup>14</sup>, passou a vida toda estudando no *colégio estadual*, com isso começou a se destacar nos estados de

---

<sup>12</sup> Jailson Ferreira da Silva, ex-técnico de natação.

<sup>13</sup> Escola particular na cidade de Petrolina – PE.

<sup>14</sup> Escola Estadual de Petrolina.

Pernambuco e da Bahia. Lourival surgiu pra mundo na Travessia a nado Mar Grande - Salvador<sup>15</sup>, chegando lá não tomou conhecimento dos atletas da capital e aí começou a ser campeão.

J.O. – Você recorda os nomes dos atletas que faziam parte da equipe formada por vocês?

R.M. – Rapaz lembro de alguns, na verdade os destaques eram eu, Lourival, o próprio Josué<sup>16</sup>, também participava cabo Chico<sup>17</sup> remanescente da equipe Raça. A gente formou a equipe Garra que tinha Beбето, o Carlos Alberto, Jaílson o treinador, Eduardo Feitosa<sup>18</sup>, Dú<sup>19</sup> e tantos outros, mas é tanto tempo que a gente... Me sinto até ingrato de infelizmente não lembrar do nome de todo mundo, tínhamos uma relação de amizade e camaradagem que era muito positivo nesse aspecto.

J.O. – Como era a relação de Lourival Quirino com seus companheiros de equipe?

R.M. – *Excelente*, Lourival sempre foi um menino muito humilde, tranquilo, centrado e sabia a importância que tinha como referência. Muito boa, *muito boa mesmo* e verdadeira.

J.O. – Quem foram os treinadores ou os técnicos da equipe quando estavam competindo juntos?

R.M. – O principal treinador da gente foi Jailson, era a pessoa que nos treinava. Depois que a gente conseguiu se destacar, Lourival foi treinar com o professor Rogério Arapiraca<sup>20</sup> que hoje é técnico da seleção brasileira de águas abertas, sem sombra de dúvida foi uma pessoa na transição interior para capital de suma importância na vida de

---

<sup>15</sup> Competição realizada na Baía de Todos os Santos.

<sup>16</sup> Josué Ribeiro de Souza

<sup>17</sup> Nome Sujeito a confirmação.

<sup>18</sup> Nome Sujeito a confirmação.

<sup>19</sup> Nome Sujeito a confirmação.

<sup>20</sup> Carlos Rogério Arapiraca.

Lourival Quirino. Treinei com o irmão dele em Feira de Santana<sup>21</sup>, Tadeu Arapiraca<sup>22</sup>, eu ficava em Juazeiro e ele mandava o treino, depois a gente... Sempre no período pré competição, o clube que era o antigo Feira Tênis Clube bancava nossa ida para Feira de Santana, com isso a gente treinava para as competições e se juntava a equipe, então era mais ou menos isso.

J.O. – Quais foram os momentos mais importantes da equipe que você pode destacar?

R.M. – Rapaz, eu acho que são as travessias de Juazeiro. Lembro que tinha a Travessia Almirante Tamandaré e a Travessia Batalha Naval de Riachuelo que eram fomentadas pela Marinha do Brasil, não sei se existe mais hoje esses eventos, o cais de Juazeiro parecia carnaval, as pessoas ficavam de uma ponta a outra acompanhando e correndo. As pessoas vinham correndo da antiga Companhia de Navegação, tanto embaixo como em cima da orla. Ficavam acompanhando a chegada de Lourival, a nossa chegada e de outros amigos. Aqueles eventos eram sempre um dia festivo em Juazeiro, eu gostaria de destacar muito isso, assim... As competições dos jogos estudantis quando lembro... Teve uma vez um campeonato, Open de Natação, não sei se foi em 1985 ou 1986 no Country Club e Lourival era tido como nadador de rio, chegando lá ganhou de Paulo Henrique<sup>30</sup>, conhecido como Paíco, uma pessoa que a gente tem um respeito e uma admiração muito grande, Lourival ganhou de uma forma muito desproporcional e se destacando. Eu nadava *medley*, um velocista... Tinha um nadador na equipe deles que se chamava Adilson Lordeiro<sup>23</sup>, morava fora e veio nadar aqui conseqüentemente ganhou para mim nos 50 metros livres, nos 100 e 200 metros *medley*. A gente era primeiro ou segundo e Lourival ganhava tudo na época. No ano seguinte conseguimos, praticamente, ganhar todas as medalhas da competição. Bebeto<sup>24</sup> também se destacava, na verdade eram eu, Bebeto e Lourival Quirino que mais se destacavam. Bebeto ganhava uma e eu ganhava outra, mas era assim, minha característica não era de nadador de longa distância, era nadador velocista.

---

<sup>21</sup> Cidade localizada no estado da Bahia.

<sup>22</sup> Nome Sujeito a confirmação.

<sup>23</sup> Nome Sujeito a confirmação.

<sup>24</sup> Nome Sujeito a confirmação.

J.O. – Você percebeu se existia alguma discriminação cultural, política e/ou econômica quando vocês foram competir no Country Club?

R.M. – Na verdade é o seguinte, essa é uma pergunta super pertinente e super interessante. Eu prefiro dizer, que na verdade, o Country Club não era o nosso mundo, era uma realidade longe. A gente era de família humilde, de origem humilde. Eu filho de um policial e de uma dona de casa, Lourival, do Angari com o pai pescador e o Country Club era o clube da sociedade juazeirense, entendeu? A gente não tinha acesso ao Country Club, a gente foi competir porque fomos convidados e o treinador, finado Lindomar, já conhecia o nosso potencial e tinha interesse que a gente fosse participar das competições no clube e houve uma aceitação, mas assim, a gente foi muito bem recebido, muito bem acolhido e o que aconteceu naquele momento serviu como um divisor de águas entre os nadadores do rio São Francisco e os do Country Club. Passamos a ter acesso ao clube, passamos a ser sócios atletas do Country Club. Então, foi um momento de divisor de águas, eu prefiro dizer que aquele momento foi oportuno que aconteceu em nossas vidas e um divisor de águas

J.O. – Uma pesquisa que realizei no Jornal de Juazeiro destacou uma competição em 1985 com os nadadores Régis e Lourival disputando com nadadores do clube, na reportagem destaca que vocês venceram todas as provas.

R.M. – Verdade.

J.O. – Depois dessa notícia, especificamente nos anos de 1986, 1987 e 1988 não encontrei mais reportagem no jornal trazendo o nome de vocês relacionado ao clube. Você acha que houve algum bloqueio no jornal em divulgar os resultados ou foi uma simples coincidência?

R.M. – Na verdade, eu prefiro crê que tenha sido uma simples coincidência. Como falei para você, a gente não era nadador do clube e tínhamos até sonho de participar da equipe, *tínhamos vontade...* Eu ainda nadei um pouquinho e participei da equipe dos meninos, mas Lourival muito pouco, porque nessa transição foi convidado pra ir aos

Fuzileiros Navais na Escola de Aprendizes de Marinheiro em Olinda,<sup>25</sup> foi um período que ele foi fazer adaptação, porém não se adaptou. A competição em piscina era muito restrita e tinha pouca rotatividade, as competições eram mais no rio, a não ser quando tinham os jogos escolares e seletiva para os jogos abertos, mas era uma coisa muito seletiva e curta, talvez a imprensa não deu tanta importância como se dá hoje.

J.O. – Pode nos relatar se dentro da equipe tinha algum atleta mais importante do que o outro?

R.M. – *Não...* Não tinha... não tinha um atleta mais importante ou menos importante. Acho que todo mundo tinha seu potencial, cada um tinha suas qualidades, virtudes, a gente não conseguia ver isso, claro que tinham nadadores que se destacavam mais, mas a gente buscava ser referência para os mais novos. Não tinha esse tipo de diferença, pelo menos eu não lembro que aconteceu isso.

J.O. – Sendo técnico. Poderia nos contar como foi o primeiro contato e como se deu a parceria para ser técnico de Lourival Quirino?

R.M. – Na verdade, nós fomos pra um evento... Lourival foi convidado para ir a um evento em 1988 em Manaus e a gente já tinha essa parceria de amizade. Fui com Lourival acompanhando, mas chegando no local fui qualificado como treinador porque precisava de um acompanhante na Travessia da Ponta Negra e Lourival foi vencedor por sinal, isso há 32 anos atrás, a partir daí comecei o aperfeiçoamento, começaram os treinos e os acompanhamentos nos eventos. Eu acho que foram experiências muito enriquecedoras no ponto de vista do aprendizado e tenho certeza se tivéssemos treinado Lourival com os conhecimentos que a gente tem hoje possivelmente Lourival tinha avançado muito mais, não só no ponto de vista técnico, mais no ponto de vista de administrar sua carreira, na questão da maturidade, de ter aproveitado mais as oportunidades, mas eu acho que tudo é no tempo de Deus, não tem esse negócio de lamentar pelo que passou, a gente só tem a agradecer tudo que passamos e tudo que aconteceu nas nossas vidas em relação ao esporte.

---

<sup>25</sup> Cidade localizada no estado de Pernambuco.

J.O. – No início da parceria com Lourival foi junto com Rogério Arapiraca?

R.M. – *Não*, foi muito antes. Rogério surgiu depois. Passei a ser treinador da equipe nos jogos aberto, teve um caso que nos deixou até constrangido e ao mesmo tempo muito satisfeito, tinha um nadador que era o melhor do interior da Bahia na época chamado Francisco de Assis<sup>26</sup> que foi campeão da Travessia a nado Mar Grande - Salvador e era treinado pelo Rogério Arapiraca, ele ganhou essa travessia um ano antes. Quando foi para os jogos abertos Lourival ganhou dele com quase meia piscina, 10 a 15 metros de diferença, isso em Itabuna<sup>27</sup>, com isso o treinador argumentou que a piscina tinha as medidas não exatas, assim, independente das medidas serem exatas ou não Lourival chegou com meia piscina na frente e o tamanho da piscina sendo maior ou menor não iria influenciar no resultado, isso levou a um bate-boca, a partir daí o mundo conheceu Lourival Quirino, conseqüentemente foi convidado para ir ao Feira Tênis<sup>28</sup>, foi convidado para ir a Salvador e surgiram as novas oportunidades.

J.O. Nos jornais encontrei uma reportagem anunciando uma viagem sua com Lourival para Manaus. Uma competição que as dificuldades começaram em Juazeiro para conseguir um patrocínio. Você recorda dessa competição, poderia falar um pouco dela?

R.M. – Na verdade, eu acho super importante essas perguntas porque tem despertado nossa memória de uma forma... A gente na verdade não tinha mágoa, mas a nossa dificuldade em conseguir apoio aqui era muito grande, talvez porque a gente não era de famílias influentes ou porque não tinha padrinhos influentes na cidade. Com certeza se fossem os outros meninos não teriam as dificuldades que nós tivemos. Pra você ter uma ideia Lourival era favorito para nadar em Manaus, nós saímos daqui pra Belém do Pará mais 24 horas dentro do ônibus, eu também tomei, mas não ia nadar estava acompanhando Lourival, isso prejudicou o rendimento em Manaus, mesmo assim ele ganhou a travessia, acho que eram 10 quilômetros. A gente teve oportunidade de conhecer a Zona Franca e uma coisa que a natação nos proporcionou foi conhecer o

---

<sup>26</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>27</sup> Cidade localizada no interior da Bahia.

<sup>28</sup> Clube social na cidade de Feira de Santana.

Brasil do Oiapoque ao Chuí, conhecemos o Brasil praticamente todo com o esporte, especificamente com a natação.

J.O. – Nos relate como foi o início dos treinamentos sendo técnico de Lourival Quirino?

R.M. – Experiência muito positiva, o trabalho com Lourival era feito muito empiricamente. Lourival amarrava um barco na cintura e subia o rio nadando, às vezes um caiaque com alguém em cima, nadava contra a correnteza e na cabeça dele em determinados momentos aqueles treinamentos estavam sendo super benéfico. A gente foi conseguindo com o passar do tempo e com a busca dos conhecimentos nos intercâmbios a necessidade de fazer um trabalho mais específico na piscina, realizar os treinamentos longos no rio e aos poucos ele foi se conscientizado. Paralelo a isso, a questão da complementação da preparação física fora da água, fortalecimento muscular, tudo isso aconteceu só que no início dos anos de 1990, porque até o final dos anos de 1980 e início dos anos de 1990 o trabalho... Mesmo com os resultados aparecendo super positivos eram feitos muito que empiricamente. Quando começamos a fazer os intercâmbios com Salvador, com o Clube Português<sup>29</sup> do Recife, com a equipe que treinava em Petrolina no Círculo Militar, com a equipe do Objetivo... Aqui a gente fazia esse intercâmbio com o Clube Português e em Salvador com a Associação dos Servidores do Banco Central a ASBAC com o professor Rogério Arapiraca, com isso começamos a fazer uma busca e trocas de conhecimentos. A gente começou a fazer um trabalho mais específico com base no conhecimento científico, utilizamos aquela transição das tecnologias e os resultados foram melhorando consideravelmente. O trabalho que fazia no rio continuou, mas intercalando com o trabalho de recuperação no dia seguinte, Lourival não fazia a sobrecarga em dias repetidos, o treino não repetia muito, com isso diminuiu a quantidade de lesões e os tempos melhoraram consideravelmente. Como falei em um determinado momento, Lourival tinha um potencial aeróbico muito bom em relação aos outros atletas e conseguimos potencializar essa virtude, essa parte fisiológica que foi abençoada. E foi isso, as experiências super positiva, trabalhávamos praticamente dobrando os treinos todos os dias, ele fazia um

---

<sup>29</sup> Clube social.

treinamento pela manhã e outro à tarde, mas embutimos dois ou três dias fazendo só um treino, um mais regenerativo e isso começaram a surtir os efeitos positivos.

J.O. – Vocês tiveram alguma relação com algum clube ou com alguma instituição na época dos treinamentos em Juazeiro?

R.M. – Na verdade assim, depois que o sargento Sidomar<sup>30</sup> morreu, a natação nos clubes ficaram órfãos em Juazeiro, a geração mais velha não se interessou muito, cada um foi pra o seu lado, eu já estava veterano para o lado de treinamento, para o lado de fazer faculdade e era uma das pessoas que mobilizava, junta isso o SESI, SESC que comecei a participar, as escolas contrataram os professores, mas os clubes sociais pra gente eram muito fechados, os clubes tinham suas escolinhas, tinha um ou dois professores mais não tinha a visão da importância de trabalhar o treinamento de alto rendimento, fazer com que o aluno permaneça mais tempo na modalidade ou no esporte. Alguns clubes se destacaram, o Country Club depois de um determinado tempo implantou escolinha, a AABB<sup>31</sup> com o professor Gilmar<sup>32</sup> e o professor Humberto Cardoso<sup>33</sup>, o SESI de Juazeiro e Petrolina implantaram, isso tudo em meados dos anos de 1990, com isso começaram a surgir outras pessoas desenvolvendo trabalhos, mas era uma coisa muito sazonal e pequena para a dimensão que representava Juazeiro e Petrolina.

J.O. – Você teve alguma equipe de natação sendo técnico?

R.M. – Sim, nós tivemos nos anos de 1990, tive a do Colégio Objetivo que chegou a ser campeã duas a três vezes dos jogos estudantis de Petrolina e depois a nossa equipe feminina foi campeã pernambucana. A gente fazia muito intercâmbio, nós arrendamos uma piscina no SESI Petrolina e montamos uma equipe grande, erámos três professores trabalhando com natação infantil, natação com aperfeiçoamento de aprendizado, natação de adulto e treinamento esportivo. Conseguimos formar uma equipe para

---

<sup>30</sup> Nome conforme a confirmação.

<sup>31</sup> Associação Atlética Banco do Brasil.

<sup>32</sup> Gilmar Nery da Silva, ex-técnico de natação.

<sup>33</sup> Nome sujeito a confirmação.



disputar alguns campeonatos, a gente não era federado, mas os alunos treinavam aqui e nadavam pelo Clube Português de Recife. Logo depois, no final dos anos de 1990 para o ano 2000 a gente foi para Country Club e arrendamos, com isso formamos uma equipe grande, quando eu falo grande não só uma questão de quantidade de pessoas, mas de potencial técnico de atletas que começaram a se revelar. Atletas que começaram a ir para o brasileiro, participar do campeonato Norte - Nordeste, dos campeonatos regionais, todos federados, conseguimos federar o São Francisco Country Clube com o nome Régis Natação Country Club, e alguns atletas começaram a se destacar. Já na transição de Lourival, praticamente parando de nadar, nós podemos destacar Alison Torres<sup>34</sup>, Marcel Brandão<sup>35</sup> que participou do campeonato brasileiro, Jorge Libório<sup>36</sup> uma das grandes revelações da natação aqui da região e José de Araújo Neto<sup>37</sup> que sem dúvida depois de Lourival Quirino foi um dos melhores fundistas da região. Então, a gente de certa forma contribuiu com a formação do cidadão, formação de atletas e que cada um foi buscar sua autonomia na vida profissional, mas o esporte com certeza teve uma contribuição imprescindível na vida desses jovens.

J.O. – Na parceria Lourival - Régis houve algum momento em que os treinos foram aplicados ou desenvolvidos fora de Juazeiro, em outras cidades?

R.M. – Não, na verdade a gente treinava muito aqui, às vezes fazíamos uma extensão em Sobradinho<sup>38</sup>, um trabalho no lago<sup>39</sup> que era preparação para competições de 30 a 35 quilômetros. Fizemos alguns treinamentos Sobradinho – Juazeiro descendo o rio, que as pessoas diziam: “Descendo o rio todo santo ajuda”, mas era um trabalho de volume e intensidade média que servia de experiência, super importante.

J.O. – Em relação a apoio financeiro tiveram algum patrocínio?

---

<sup>34</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>35</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>36</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>37</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>38</sup> Cidade localizada no estado da Bahia.

<sup>39</sup> Um dos maiores lagos artificiais do mundo.



R.M. – *Muito pouco*, a natação por ser um esporte amador e um esporte... O Lourival conseguiu alguns apoios e patrocínio em Salvador já com destaque, algumas empresas, clubes patrocinaram e apoiaram, mas Juazeiro não, aqui eram ajudas pontuais, às vezes uma ajuda do município para custear alimentação, hospedagem e transporte, mais nada de aporte financeiro para o atleta treinar, sustentar a família e se auto sustentar. *Nunca tivemos*, nunca tivemos isso, pelo menos eu não me lembro de ter acontecido.

J.O. – Como se mantinha financeiramente nas competições viagens e como adquiriam os materiais para treinar?

R.M. – Na maioria das viagens a gente contava muito com apoio de alguns segmentos da sociedade que faziam vaquinhas, um sorteio e uma rifa. Os pais dos alunos que tinham Lourival como referência davam ajudas dentro das suas condições, nada muito grande. O que acontece hoje com os atletas de elite, eles conseguem uma bolsa atleta, conseguem vincular o seu nome a alguma empresa, na nossa época isso era muito restrito.

J.O. – Vamos relembrar um pouco sobre a rotina de treinamento. Como era essa rotina? O que você passava para Lourival Quirino?

R.M. – Na verdade, quando treinávamos duas vezes, dobrava, a gente fazia um treinamento no rio, uma parte de aquecimento, pré-aquecimento e fazíamos os treinamentos nas pilastras<sup>40</sup> da ponte, fazia também nadando contra a correnteza, os mais longos saindo do Angarí ou da Ilha de Nossa Senhora até a ponte e às vezes realizávamos treinamentos longos de atravessar o rio, isso eram dez vezes com intervalos de um minuto para uma reidratação. A gente utilizava qualquer um isotônico ou coisa parecida... Inúmeras vezes fazíamos esses treinos. A tarde Lourival fazia um trabalho mais específico em piscina introduzindo outros nados. Ele quando foi treinar em piscina passou a nadar borboleta, *medley*, os 400, 800 e 1.500 metros. Então assim, o treinamento era muito dividido entre piscina e rio, mas no período científico eu não posso deixar de dizer que em determinado momento a gente trabalhou muito usando o

---

<sup>40</sup> Colunas que sustentam a ponte Presidente Dutra na divisa dos estados Bahia e Pernambuco.



senso comum, usando o trabalho empírico, mas tudo isso serviu de base e referência como sempre a gente usando o empirismo e o senso comum para ter uma base científica. Em determinado momento a gente começou a trabalhar mais especificamente levando em consideração a alimentação, o período de competição, o período de transição e a alimentação do atleta para não sobrecarregar demais. Lourival, praticamente, eu não lembro ter tido algum tipo de lesão, para você ter ideia, o potencial humano que a gente tinha na mão... Se fosse outra pessoa ia ter várias lesões e Lourival teve poucas no seu histórico de atleta.

J.O. – Como era Lourival Quirino como atleta e pessoa?

R.M. – Lourival Quirino é essa figura que você conhece hoje. Uma figura altamente mais de ouvi, uma simplicidade humana que as vezes é prejudicial para ele, isso é minha opinião. Uma pessoa que sempre foi dedicada, disciplinado em questão de horário, tem uma dificuldade muito grande às vezes de externar o seu pensamento, isso quando era muito jovem, Lourival tinha essa dificuldade de externar o seu pensamento. Sempre foi uma figura humilde, um irmão e família. Lourival é uma pessoa de uma sensibilidade incrível, posso considerar um irmão de sangue fraterno, uma pessoa que Deus colocou em minha vida, que sem sombra de dúvida trocamos muitas experiências positivas e que vai ficar marcado para as nossas próximas gerações e para os nossos familiares.

J.O. – Quais os pontos positivos e negativos no desenvolvimento dos treinamentos no rio?

R.M. – O ponto positivo no rio era a questão do espaço mais humanizado. O rio dar a sensação de liberdade para o atleta, e outra coisa, você tem a oportunidade de fazer uma variação de milhares de possibilidades que não consegue fazer na piscina. A piscina pelo fato de ser um espaço de 25 metros, às vezes por doze e meio, por 15 ou 16 metros limita muito, mesmo você fazendo um treinamento fracionado e mais específico. O rio você tem uma gama de possibilidade no desenvolvimento dos treinamentos: mudar o local; ir para outra cidade; realizar o treino na margem e no meio do rio; fazer um



contorno de uma ilha; treinamento longo saindo de um determinado ponto e ir pra outro finalizando com 10 quilômetros; posso sair da Pedra do Lorde<sup>41</sup> e chegar no porto de Petrolina; sair do Angarí e voltar para Pedra do Lorde nadando em forma de triângulo. Então, tudo isso o rio lhe dar essas possibilidades, além de outra, como a temperatura da água sempre amena, mesmo no período de inverno, nosso inverno não é muito sacrificante, mas a gente conseguia nadar no rio de boa, diferente da piscina que as vezes a temperatura estava abaixo de 20° graus e se tornava desumano a prática da natação ou de qualquer outra atividade esportiva, *no rio não*, no rio a gente conseguia... Aquecia um pouquinho e tinha esse ponto positivo. Ponto negativo é porque existe a depreciação no rio, as pessoas jogam muitos dejetos nas margens, *o esgoto*, aquelas algas do lado de Pernambuco... A gente treinava muito ali antigamente, hoje é praticamente impossível treinar próximo ao Círculo Militar até o porto. A gente às vezes fazia um treinamento em Petrolina quando queria nadar em águas mais calmas, porque é semelhante a piscina, fazíamos esse treinamento saindo do Iate Clube<sup>42</sup> ou da primeira rampa onde tem um centro comercial hoje e íamos até o porto, porque a corrente era menor e a gente tinha a sensação de estar nadando em uma piscina, conforme fosse encontrar em determinadas viagens essas semelhanças a gente buscava treinar nesse local, *hoje é impossível*. Outro ponto negativo era a questão das embarcações nos finais de semana, a gente queria treinar, mas tinha que ter a preocupação por causa da pouca sinalização. Hoje temos touca, boia, pode usar roupa mais fluorescente e caiaque, mas a gente naquela época não tinha, não tinha disponível esses equipamentos. Outro ponto positivo do rio que não tratei, você podia treinar qualquer dia, qualquer hora, diferente da piscina que as vezes nas segundas e terças estava fechada para manutenção, ninguém trabalhava no clube. No rio a gente não tinha esse problema, então era isso. Se você for colocar na balança rio e piscina, com certeza Lourival iria dizer que era melhor treinar no rio e eu assino embaixo.

J.O. – Você recorda das competições que participaram como nome, local e/ou ano?  
Sendo técnico.

---

<sup>41</sup> Bairro localizado na cidade de Juazeiro.

<sup>42</sup> Clube social localizado na cidade de Petrolina.



R.M. – Rapaz, sendo técnico teve a Travessia da Pajuçara<sup>43</sup>, Campeonato Norte e Nordeste, Campeonato Brasileiro de Águas Abertas, Almirante Tamandaré em Sergipe, Ponta Negra em Manaus, a Travessia do Tapes no Rio Grande do Sul, deixa eu ver mais, sei que Lourival nadou no Rio de Janeiro, nadou no interior de São Paulo na Ilha Bela, nadou na Bahia praticamente toda, nos quatros extremos, no sul da Bahia, Feira de Santana sempre. Você está falando de águas abertas? Porque também teve os Jogos Abertos do Interior praticamente todas as cidades grandes como: Vitória da Conquista, Feira de Santana, Ilhéus, sempre que tinha competição Lourival participava em Santo Antônio de Jesus e Jequié. Em Pernambuco: Recife, Caruaru e Arcoverde. Teve Belém do Pará, Manaus, já falei Rio Grande do Sul... Na verdade, a natação nos proporcionou além de competir foi realizar essas viagens, de conhecer o Brasil do Oiapoque ao Chuí e outra, se não fosse atleta possivelmente a gente não teria essa oportunidade de conhecer esses lugares em todos os aspectos.

J.O. – E viagens internacionais?

R.M. – Aí nós tivemos na Argentina, Europa, França, na Holanda, fomos para Macedônia e ele não nadou, tivemos nos Estados Unidos... A experiência foi pequena, mas muito enriquecedora porque abriu um leque de oportunidade, Lourival não participou de mais competições porque, como te falei, a dificuldade de ter patrocínio para ajudar era muito restrita.

J.O. – Qual foi a vitória marcante para você sendo técnico de Lourival Quirino?

R.M. – Ah, sem sombra de dúvida foi a Travessia a nado Mar Grande - Salvador, acho que a segunda travessia que Lourival foi eu estava como treinador. Salvador ainda via Lourival como uma interrogação, ele chegou em Salvador ganhou dos melhores atletas do estado, do Norte - Nordeste e se consolidou como o grande nome da natação das águas abertas do país.

---

<sup>43</sup> Competição realizada no estado de Alagoas.

J.O. – O último título de Lourival na Travessia a nado Mar Grande - Salvador foi em 1996, você era o técnico?

R.M. – Não estava mais comigo, acho que Lourival era acompanhado por Rogério Arapiraca. Eu não posso esquecer que Lourival teve umas duas oportunidades de ficar e morar em Salvador e com isso despontar. Na época conseguiu moradia em Salvador, um colégio particular e treinamentos, mas Lourival tinha um apego muito grande com a família, tinha um apego muito grande a Juazeiro e não se adaptou. Eu acho que a transição saindo de Juazeiro e morar em Salvador foi feito bruscamente, acho que... Como falei antes, se a gente tivesse esse conhecimento que temos hoje poderia ter dado um suporte melhor. Fazer uma transição saindo de um lugar mais simples e não ir para um lugar tão elitizado... Lourival se viu como estranho no ninho e isso não é uma coisa boa, *não foi uma coisa boa*. Quando falo não é uma coisa boa para ele... Talvez se ele deslumbrasse com tudo isso, mas não se deslumbrou porque é uma pessoa humilde em todos os aspectos, não tinha aquela ambição... Ele queria era nadar, era o que sabia fazer de melhor e não se adaptou, voltou pra Juazeiro as portas foram se fechando porque a carreira de nadador era muito curta, apesar de ter achado que Lourival ainda conseguia nadar durante mais 15 anos em alto nível, *não tenho dúvida disso*.

J.O. – E qual foi a pior derrota que passaram juntos?

R.M. – Foi a travessia... Não lembro muito bem, foi a Travessia a nado Mar Grande - Salvador, o professor Sérgio Silva<sup>44</sup> tinha uma estratégia com Edvaldo Valério<sup>45</sup> que foi campeão olímpico. Edvaldo nadou a travessia fazendo o papel de um coelho, ele simplesmente saiu nadando... Nadou 5 quilômetros na travessia num ritmo alucinante e a gente infantilmente o acompanhou, conseqüentemente estourou Lourival... Lourival e Edvaldo saíram da prova, com isso o atleta que Sérgio queria que ganhasse, seu sobrinho, ganhou. Eu não lembro o nome, acho que era Daniel Silva<sup>46</sup>. Não foi uma decepção, foi uma tristeza, como te falei, se a gente tivesse o conhecimento que Valério era um nadador explosivo e não ia aguentar aquele ritmo, nós não precisávamos ter o

---

<sup>44</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>45</sup> Edvaldo Valério Silva Filho, ex-atleta da seleção brasileira de natação.

<sup>46</sup> Nome sujeito a confirmação.



acompanhado. Lourival acompanhou Edvaldo que foi o coelho da prova e acabou os dois saindo, isso era a estratégia deles. Foi uma derrota que marcou muito a gente, Lourival ficou muito triste, *lembro que ele ficou muito triste nessa época.*

J.O. – Isso foi em 1996, o jornal A Tarde aborda muito bem essa prova e logo depois dessa competição tem uma reportagem que traz um ponto interessante. Lourival passou por uma fase de depressão, você acredita que Lourival passou por um período conturbado?

R.M. – *Acredito.* Porque Lourival era fenomenal, eu sempre dizia pra Juazeiro. Daniel Alves<sup>47</sup>, vou fazer uma comparação respeitando as modalidades, Daniel Alves é um grande jogador de futebol conseguiu uma ascensão, mas Lourival nasceu pra nadar, o biotipo e a biomecânica tudo ajudavam... É impressionante que Lourival não era um atleta muito alto, deve ter 1,72 ou 1,73 metros, uma envergadura não muito para os padrões da natação, mas Lourival tinha uma capacidade de nadar que impressionava todo mundo, os grandes especialistas, o presidente da Confederação na época, os especialistas em longa distância perguntavam: “Porque que esse rapaz não sai de Juazeiro?”, quer dizer na verdade, faltou coragem em Lourival, como muitos atletas que conhecemos ao longo da história, falta coragem de sair do ceio da família e romper com o que é comum, ir atrás dos grandes sonhos. *Lourival não tinha*, não tinha essa pretensão, porque talvez não tivesse conseguido, mas a probabilidade de conseguir sucesso seria muito grande. Eu acredito que ele teve uma recaída, não posso considerar depressão porque depressão é uma palavra muito forte, *muito forte mesmo*, mas Lourival teve um período de muita tristeza, perdeu o brilho em determinado momento, depois disso. Edvaldo Valério mesmo sendo um grande atleta, Lourival também era, mas cada um em suas especificidades.

J.O. – E um ano depois Lourival foi campeão?

---

<sup>47</sup> Jogador profissional de futebol.



R.M. – *Voltou e ganhou.* Outra coisa, Lourival perdeu o prazer depois desse... Porque se ele tivesse nadado dez anos, teria ganhado as dez maratonas, porque ele não tinha adversário no Brasil, *não tinha adversário para Lourival.*

J.O. – Você não era o técnico em 1996?

R.M. – *Não...* Não, em 1996 não lembro se eu estava com ele.

J.O. – O jornal traz seu nome?

R.M. – Meu nome é? Então se traz, eu estava lá com ele. Porque são tantas informações na cabeça e não fico muito preso as datas, mas por exemplo, se eu ver alguma coisa vem todo um histórico na memória.

J.O. – Na sua parceria com Lourival teve alguma repercussão na mídia, como televisão ou jornal?

R.M. – Sim, teve uma travessia nossa que saiu no Fantástico, *Lourival saiu no Fantástico no outro dia.* Quando chegamos em Juazeiro desfilamos em carro aberto pela cidade, fomos recebidos pelo prefeito e deputados da época. Ele levou muito o nome de Juazeiro a nível estadual e nacional. O apelido de Lourival em Salvador era Ferry Boat<sup>48</sup>, por aí você tira, Ferry Boat faz uma hora ou uma hora e dez<sup>49</sup>, Lourival fazia nadando em uma hora e meia, uma hora e trinta cinco ou uma hora e quarenta minutos a média das travessias que participava mesmo em condições adversas.

J.O. – No período que estiveram juntos Lourival Quirino teve alguma lesão? Ele teve que ficar parado?

R.M. – Não, Lourival tinha um problema na coluna, mas era um problema anatômico que sentia um determinado desconforto, nada que comprometesse.

---

<sup>48</sup> Embarcação que faz a travessia Salvador – Ilha de Itaparica.

<sup>49</sup> A travessia Salvador Ilha de Itaparica.

J.O. – Vocês tiveram apoio de outros profissionais como médicos, nutricionista ou fisioterapeutas?

R.M. – Muito pouco, sempre tinha um médico que ajudava Lourival com atestados, várias pessoas... Acho que seria incorreto, porque se eu falar o nome de um ou dois posso deixar algumas pessoas de fora, mas sempre tinham as pessoas que ajudavam Lourival quando precisava fazer um exame, quando precisava fazer uma revisão no tratamento dentário, sempre teve.

J.O. – Para acompanhar nos seus treinamentos?

R.M. – *Não*, o trabalho era muito pontual. Quando ele foi pra Salvador teve uma equipe multidisciplinar com preparador físico, treinador, massagista... Lourival tinha todo um aparato nadando de alto nível em Salvador quando começou a despontar a nível nacional.

J.O. – Teve algum lugar ou competição que vocês não foram bem recebidos?

R.M. – Rapaz, não. Achei que nos Estados Unidos a gente não foi tão bem recebido, porque tínhamos dificuldade na língua, conseguíamos nos comunicar mais muito pouco e muito curto. Tinha um brasileiro que nadava também em águas abertas e eu entendia que ele dificultava as coisas, ele poderia ter sido o intermediário, mas não mostrou muita empatia com a gente ou se sentiu ameaçado, Lourival em momento algum era ameaça para ele, muito pelo contrário, mas eu percebi isso.

J.O. – Tinha local que vocês tinham torcida? Onde?

R.M. – A maior torcida de Lourival era em Salvador, tinha gente que ia à Salvador para ver Lourival nadando. No dia que tinha a competição a praia do Porto da Barra ficava com os espaços disputados. Lourival tinha fã clube na capital, além dos moradores e filhos de Juazeiro que residiam em Salvador. A galera que era fã de Lourival por causa

da sua origem, um menino humilde do Angarí, negro e que estava fora dos padrões da natação, porque a natação sempre foi um esporte, queira ou não queira, um esporte da elite e você sabe disso, *Lourival tinha um fã clube em Salvador.*

R.M. – Quais os momentos, eventos ou competições você destacaria sendo técnico de Lourival?

R.M. – Destaco a Travessia a nado Mar Grande - Salvador, posso destacar as nossas viagens para o exterior como a Argentina, Holanda e uma travessia que Lourival fez no Rio de Janeiro para a etapa do Campeonato Mundial que foi o 4º colocado, essa foi muito importante e a Travessia Internacional da Lagoa dos Patos, Lourival fez uma participação brilhante chegando em 3º lugar sendo o melhor brasileiro, então destacaria esses eventos.

J.O. – Poderia nos relatar como foi o encerramento da parceria técnico de Lourival Quirino?

R.M. – Na verdade a nossa parceria foi feita de uma forma muito amistosa, Lourival já estava na transição de deixar de nadar, ir em busca de outros caminhos, principalmente ensinar natação para outras as pessoas em escolinha, fazer um trabalho social, que ele faz até hoje no clube e eu já tinha outras pretensões, comecei a trabalhar na rede estadual de educação nas escolas, já não tinha tanto tempo e motivação com a natação de alto rendimento, com isso, acabamos de forma tranquila e sem algum tipo de ruptura.

J.O. – Na sua visão que influência deixaram para a natação?

R.M. – *Um legado.* Nós deixamos um legado, acho que servimos como um divisor de águas para a juventude começar a praticar natação e que fortalecesse no Vale do São Francisco, apesar de achar que a natação está enfraquecida hoje. Tenho acompanhado algumas competições tanto quantitativamente como de qualidade, elas foram reduzidas aos níveis. O nível técnico em relação a tempo ainda estar estagnado, para você ter uma ideia, os meninos nadavam há dez, quinze anos atrás os 100 metros em 56 segundos,



hoje estão nadando para um minuto, era para estar nadando muito menos. Os 100 metros *crawl*... Acompanhando as travessias os atletas são os mesmos que nadam há 10 anos, como Patrick<sup>50</sup>, Felipe Quirino<sup>51</sup>... Então assim, isso está mostrando que não tem uma renovação, o pessoal que trabalha com a natação precisa rever isso. A própria Universidade, eu não sei até que ponto a Universidade pode fomentar essa discussão, é importante não só na natação, mas em outras modalidades. Vejo que o atletismo desenvolve um trabalho muito legal através da APA<sup>52</sup> e através da equipe de José Carlos Santana<sup>53</sup>, mas a gente não vê isso natação. A natação tinha Zezé<sup>54</sup> em Petrolina, eu em Juazeiro, Edivaldo<sup>55</sup> em Petrolina, Humberto Cardoso<sup>56</sup> no SESI, mas não vemos mais isso de uma forma tão bem clara, então isso mostra uma estagnação, precisamos desconstruir que foi construído no passado e construir novas metodologias pra que motive o jovem a participar do esporte como algo saudável, algo que seja importante para sua formação.

J.O. – Atualmente é técnico de algum atleta?

R.M. – Não.

J.O. – Poderia diferenciar o contexto esportivo da natação atualmente para natação das décadas de 1980 e 1990?

R.M. – Na verdade, foi mais ou menos o que acabei de falar. Nos anos de 1980 foi um ano de descoberta, um ano de iniciação, um ano de se deslumbrar com o esporte, já os anos de 1990 foi um ano de consolidação, de descobrir a Universidade, de saber que aquilo era o que eu queria, de começar a trabalhar como treinador e depois do ano 2000 já começamos a formar atletas, a fomentar a natação como algo super importante, tanto a nível estudantil como a nível de clubes. Hoje me preocupo muito com essa falta de

---

<sup>50</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>51</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>52</sup> Associação Petrolinense de Atletismo.

<sup>53</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>54</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>55</sup> Nome sujeito a confirmação.

<sup>56</sup> Nome sujeito a confirmação.



atividade corporal, física mesmo dos jogos. Os jogos estão muito preso a tecnologia, a própria escola não contribui pra isso, a aula de Educação Física mesmo sendo no horário de regência eu acho importante, mas a gente dá oportunidade o jovem... Quando eu falo da diferença do esporte na escola para o esporte da escola, eu acho que o esporte na escola precisa atingir a todos e se tratando da natação precisamos popularizar. Falei até com Lourival agora que dentro dos seus projetos posso entrar com algum suporte e criar piscinas na beira do rio pra que a gente possa desenvolver nas comunidades carentes, nas escolas públicas, colocar um professor... Tal hora Régis vai dar uma aula, tal hora Lourival, tal hora Francisco Barbosa<sup>57</sup>... Então, quantos colegas podem se disponibilizar para ir fomentar a natação, realizar uma iniciação na beira do rio, porque podemos popularizar a natação e massificar. Algumas cidades já fazem isso, cidades litorâneas com Polo Aquático, com o Atletismo, Tênis de Mesa.... Precisamos utilizar o rio São Francisco como essas ferramentas, então assim, a gente tem um diagnóstico já sabemos a qual é o problema e precisamos resolver. Porque os jovens não estão permanecendo? Porque os jovens não querem? Eu lembro que os meninos treinavam uma hora, duas horas por dia e hoje não querem mais, porque? Porque não tem competição, então precisamos discutir isso.

J.O. – Tem algo que gostaria de deixar registrado?

R.M. – Eu gostaria de parabenizar pela iniciativa, acho super importante registrar isso nos anais como um instrumento de pesquisa. Deixar para a história é importante, porque quando a coisa é feita só de boca ela se perde no tempo. Então, quando você registra e coloca no papel vai se eternizar. Daqui a dez, vinte, trinta anos as pessoas vão buscar uma pesquisa sobre Lourival Quirino e vão saber quem foi e qual a contribuição deixou para o esporte, eu acho super importante.

J.O. – Quero agradecer por estar contribuindo para o desenvolvimento da pesquisa, muito obrigado.

---

<sup>57</sup> Nome sujeito a confirmação.



R.M. – Eu que agradeço pela lembrança, espero ter dado a nossa humilde contribuição e sucesso para você nessa sua empreitada.

[FINAL DA ENTREVISTA]